

## Algumas considerações sobre *A Queda do Céu* e etnografia

**Luana Goulart de Castro Alves**

Doutoranda em Filosofia na UERJ

<http://lattes.cnpq.br/2070303810271220>

[s.luanagoulart@gmail.com](mailto:s.luanagoulart@gmail.com)

94

*A Queda do Céu* (Kopenawa e Albert, 2015) é um trabalho resultante do convívio e da aliança criada entre Davi Kopenawa, xamã Yanomami, e Bruce Albert, etnógrafo francês. Trata-se de uma obra que enseja, por sua situacionalidade e circunscrições de forma literária *sui generis*, diversas reflexões a respeito de importantes questões filosóficas – em particular para o pensamento político, estético, epistemológico, hermenêutico, social e ontológico. A proposta deste trabalho é articular o papel do etnógrafo enquanto tradutor com aspectos do texto Kopenawa e Albert (2015) enquanto proposta viva de diálogo, em conexão com diretrizes centrais do pensamento da socióloga Silvia Rivera Cusicanqui.

A hipótese de partida é que há uma conexão importante entre a etnografia e a tradução – com efeito, que essa conexão é tão crucial que a noção de tradução resulta mais relevante para a circunscrição do que efetivamente se entende por etnografia do que qualquer conjunto de técnicas e métodos científicos prescritos para a abordagem de certas temáticas, por mais inclusiva e difusa que seja a índole de seus limites.

A ideia em jogo é, grosso modo, que a etnógrafa já e sempre atua como narradora, em uma linguagem particular – habitualmente a sua própria –, de práticas constituintes de uma forma de vida não apenas codificada, mas efetivamente estruturada a partir de uma outra linguagem – ou mesmo como uma outra linguagem. Nesse sentido, o sucesso de um discurso enquanto etnografia seria diretamente dependente de quão bem esse discurso logra estabelecer uma ponte entre, nesta ordem e direção, de um lado, a linguagem estruturante das práticas e fenômenos abordados, e, de outro, a linguagem em que é formulado.

As observações da primeira sessão serão desenvolvidas a partir de colocações de Hussak (2021) a respeito de dois temas: de um lado, a relação entre surrealismo, etnografia e ciência; e, de outro, o importe político e epistemológico da tradução. Em seguida, aspectos deste segundo tema serão brevemente considerados à luz de propostas

de Cusicanqui (2008). Essas duas etapas do texto constroem a base sobre a qual, na sequência, serão apresentadas sugestões para reflexões ulteriores a respeito do estatuto de Kopenawa e Albert (2015) enquanto uma peça etnográfica em que ocorrem os fenômenos aqui descritos como *falar por* e *falar com*, em suas múltiplas e comunicantes acepções.

**Palavras-chave:** Etnografia. Tradução. Davi Kopenawa. Silvia Rivera Cusicanqui.

95

### Bibliografia

CUSICANQUI, S. R.. El potencial epistemológico y teórico de la historia oral: de la lógica instrumental a la descolonización de la historia. *Voces Recobradas: Revista de Historia Oral*, Buenos Aires, ano 8, n. 21, pp. 12-23, 2006.

HUSSAK, P. Algumas inquietações sobre estética e etnografia. *Viso: Cadernos de estética aplicada*, Niterói, v. 15, n. 29, pp. 26-44, 2021.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SPIVAK, G. *Pode o subalterno falar?* Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida et al. Belo Horizonte: UFMG, 2010.